

não em nome de deus  
como explicar a violência religiosa  
jonathan sacks

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra

PARA O MEU IRMÃO ELIOT,  
COM AMOR



# ÍNDICE



AGRADECIMENTOS	11
PARTE UM: MÁ-FÉ	13
1. O MAL ALTRUÍSTA	15
2. VIOLÊNCIA E IDENTIDADE	37
3. DUALISMO	53
4. O BODE EXPIATÓRIO	73
5. RIVALIDADE ENTRE IRMÃOS	93
PARTE DOIS: IRMÃOS	109
6. OS MEIOS-IRMÃOS	111
7. A LUTA COM O ANJO	127
8. INVERSÃO DE PAPÉIS	143
9. A REJEIÇÃO DA REJEIÇÃO	159
PARTE TRÊS: CORAÇÃO ABERTO	171
10. O DESCONHECIDO	173
11. A UNIVERSALIDADE DA JUSTIÇA, A PARTICULARIDADE DO AMOR	185
12. TEXTOS DUROS	201
13. ABDICAR DO PODER	213
14. ABRIR MÃO DO ÓDIO	229
15. A SEDE DE PODER OU A SEDE DE VIDA	241
NOTAS	255
BIBLIOGRAFIA	269



# AGRADECIMENTOS



Não teria conseguido concluir este trabalho sem a ajuda de algumas pessoas extraordinárias que leram o manuscrito e ofereceram as suas sugestões criteriosas. O meu agradecimento vai para Mark Berner, Dayan Ivan Binstock, o reverendo e professor de direito canónico Richard Burridge, a Dra. Megan Burridge, David Frei, o professor Robert P. George, o rabino Alex Greenberg, Ed Husain, Justin McLaren, Geoffrey Paul, o rabino Yehudah Sarna, o professor Leslie Wagner e o professor N.T. Wright. Os seus comentários salvaram-me de muitas imprecisões e infortúnios. Os erros que ainda persistam são da minha autoria. Também tenho uma dívida enorme para com o príncipe El Hassan bin Talal e o professor Akbar Ahmed, duas figuras que, ao longo dos anos, me têm inspirado com as suas visões generosas e profundamente humanas do islamismo.

Um agradecimento especial à minha equipa, composta por Joanna Benarroch, Dan Sacker e Val Sheridan, pela amabilidade e eficácia que mostraram diariamente; à minha infatigável e motivadora agente literária, Louise Greenberg; e a Ian Metcalfe e à equipa da Hodder, pelo seu entusiasmo e profissionalismo. Os meus maiores agradecimentos, como sempre, vão para a minha esposa, Elaine, a minha melhor leitora e apoio constante.

Por último, este livro não poderia ter sido escrito sem os muitos encontros ao longo dos anos com pessoas de diferentes féis que sabiam, e tiveram a coragem de mostrar, que a nossa humanidade abrangente transcende as nossas diferenças religiosas. Essas pessoas e aquilo que defendem são a nossa melhor esperança para o futuro. O extremismo religioso floresce quando «falta a convicção aos melhores, ao mesmo tempo que os piores se enchem de intensidade apaixonante». Esse não pode continuar a ser o caso. A violência em nome da religião tem de ser combatida, tanto religiosamente como militarmente, e com uma intensidade apaixonada, pois esta será uma das batalhas definidoras do século XXI.

JONATHAN SACKS  
Março de 2015 / Adar 5755



# PARTE UM



Má-Fé





# 1

## *O Mal Altruísta*



Os homens nunca fazem o mal tão plena e alegremente como quando o praticam a partir de uma convicção religiosa.

*Blaise Pascal*

Quando a religião transforma os homens em assassinos, Deus chora. Assim nos diz o Livro do Génesis. Tendo feito os seres humanos à sua imagem, Deus vê o primeiro homem e a primeira mulher desobedecerem à Sua primeira ordem e o primeiro descendente humano cometer o primeiro homicídio. Num breve espaço de tempo, «o mundo foi preenchido pela violência». Deus «viu o quão grande a perversidade da espécie humana se tornaria na Terra». Lemos então uma das frases mais ardentes em literatura religiosa: «Deus arrependeu-se de ter feito o homem na Terra e o seu coração encheu-se de dor» (Gn 6, 6).

Com demasiada frequência na história da religião, as pessoas mataram em nome do Deus da vida, travaram guerra em nome do Deus da paz, odiaram em nome do Deus do amor e praticaram a crueldade em nome do Deus da compaixão. Quando isto acontece, Deus fala, por vezes numa voz calma e baixa, quase inaudível, sob o clamor daqueles que alegam falar em seu nome. O que Ele diz nessas alturas é: *Não em Meu Nome*.

A religião sob a forma de politeísmo entrou no mundo como justificação do poder. Não só não havia separação entre Igreja e Estado, como a religião era a justificação transcendental do Estado. Por que razão havia uma hierarquia na Terra? Porque havia hierarquia nos céus. Tal como o sol reinava nos céus, também o faraó, o rei ou imperador reinavam na terra. Quando uns oprimiam os outros, os poucos governavam os muitos e populações

inteiras eram convertidas em escravas, o que ocorreria — assim se dizia — para defender a ordem sagrada escrita no próprio tecido da realidade. Se assim não fosse, reinaria o caos. O politeísmo era a justificação cosmológica da sociedade hierárquica. As suas construções monumentais, os zigurates da Babilónia e as pirâmides do Egito, amplas na base, estreitas no topo, eram símbolos visíveis da hierarquia. A religião era o manto da santidade vestido para mascarar a desnuda perseguição de poder.

Foi neste contexto que o monoteísmo abraâmico emergiu, enquanto protesto sustentado. Não de imediato, mas a seu tempo, fez afirmações extraordinárias. Dizia que cada ser humano, independentemente da sua cor, cultura, classe ou credo, fora criado à imagem e à semelhança de Deus. O Poder supremo intervinha na história para libertar os extremamente impotentes. Uma sociedade é julgada pelo modo como trata os seus elementos mais fracos e mais vulneráveis. A vida é sagrada. O homicídio é, simultaneamente, um crime e um pecado. Entre as pessoas deveria haver uma aliança de retidão e de justiça, misericórdia e compaixão, perdão e amor. Embora nas suas primeiras edições a Bíblia Hebraica ordenasse a guerra, em poucos séculos os seus profetas, Isaías e Miqueias, transformaram-se nas primeiras vozes a falar da paz enquanto ideal. O dia chegaria, disseram, em que os povos da Terra transformariam as suas espadas em arados, as suas lanças em foices e deixariam de fazer a guerra. De acordo com a Bíblia Hebraica, o monoteísmo abraâmico entrou no mundo como rejeição do imperialismo e do uso da força para fazer de alguns homens senhores e de outros escravos.

O próprio Abraão, o homem venerado por 2,4 mil milhões de cristãos, 1,6 mil milhões de muçulmanos e 13 milhões de judeus, não governou nenhum império, não comandou nenhum exército, não conquistou nenhum território, não realizou nenhum milagre e não fez nenhuma profecia. Embora tenha vivido de modo diferente dos seus vizinhos, combateu por eles e rezou por eles numa das mais audaciosas tiradas alguma vez proferidas por um humano a Deus — «Será que o Juiz de toda a Terra não faz justiça?» (Gn 18, 25). Procurou ser fiel à sua fé e uma bênção para outros independentemente da fé.

Essa ideia, ignorada durante muitos dos séculos seguintes, continua a ser a definição mais simples da fé abraâmica. Não nos cabe a nós conquistar ou converter o mundo, nem impor a uniformidade da crença. É nosso dever ser uma bênção para o mundo. A utilização da religião para fins políticos não é retidão, mas idolatria. Foi Maquiavel, não Moisés nem Maomé, que disse que é melhor ser-se temido do que amado — o credo do terrorista e do

bombista suicida. Foi Nietzsche quem primeiro escreveu as palavras «Deus está morto» e cuja ética era a vontade de poder.

Invocar Deus para justificar a violência contra os inocentes não é um ato de santidade, mas sim de sacrilégio. É um tipo de blasfêmia. É proferir o nome de Deus em vão.

\*

Desde o ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque e ao Pentágono, a 11 de setembro de 2001, a violência em nome da religião não diminuiu. Depois das guerras no Afeganistão e no Iraque, das intervenções na Líbia e na Síria, das mudanças de regimes em muitos países do Médio Oriente e da ascensão do Estado Islâmico (igualmente conhecido como ISIS), o Ocidente teve mais de uma década para analisar o problema, mas tornou-se mais fraco enquanto o islamismo político radical ficava mais forte.

A al-Qaeda e a ideologia islâmica a partir da qual ela surgiu geraram dezenas, talvez centenas, de grupos associados ou imitações por todo o mundo e nem eles nem os seus atos de terrorismo apresentam quaisquer sinais de diminuir. Em novembro de 2014, por exemplo, houve 664 ataques jihadistas em 14 países, matando um total de 5042 pessoas. Um relatório de dezembro de 2014 apresentado pela BBC World Service e pelo Centro Internacional de Estudos de Radicalização do King's College, em Londres, concluiu que o extremismo islâmico está «mais forte do que nunca» apesar do declínio do papel da al-Qaeda.<sup>1</sup>

Habitúamo-nos a assistir na televisão e nas redes sociais a imagens que acreditávamos pertencerem apenas à Idade Média. Decapitações de reféns. Soldados despedaçados até à morte por machados. Um piloto jordano queimado vivo. Populações inocentes massacradas. Crianças em idade escolar assassinadas a sangue-frio. Raparigas jovens sexualmente agredidas e vendidas como escravas. Crianças de 10 anos transformadas em bombistas suicidas. Um relatório de fevereiro de 2015 do Comité dos Direitos da Criança das Nações Unidas falava de execuções em massa de rapazes perpetradas pelo Estado Islâmico e de crianças a serem decapitadas ou enterradas vivas.<sup>2</sup> Têm sido destruídas igrejas, sinagogas e mesquitas, profanados locais sagrados, assassinadas pessoas enquanto oram e raptados e crucificados cristãos. Comunidades antigas têm sido expulsas de suas casas.

Os cristãos têm sido, sistematicamente, perseguidos em muitas partes do mundo. Por todo o Médio Oriente enfrentam ameaças, encarceramento

e morte. No Afeganistão, o cristianismo foi quase extinto. Em 2010, a última igreja que restava foi reduzida a cinzas. As pessoas que se convertiam ao cristianismo enfrentavam a pena de morte. Na Síria, cerca de 450.000 cristãos fugiram. Membros de outras religiões, entre elas os mandeanos, iazidis, bahai e praticantes de credos minoritários muçulmanos, também sofreram perseguições e morte.

No Egito, cinco milhões de coptas vivem em medo. Em 2013, no maior ataque contra cristãos desde o século xiv, mais de cinquenta igrejas foram bombardeadas ou incendiadas num ataque que foi apelidado de Noite de Cristal do Egito.<sup>3</sup> Foram raptadas jovens raparigas coptas, convertidas ao islamismo contra a sua vontade e forçadas a casar com homens muçulmanos. Se tentarem regressar à sua fé cristã, enfrentam o encarceramento e a morte.<sup>4</sup>

Em 2001, havia cerca de 1,5 milhões de cristãos no Iraque — atualmente, mal chegam aos 400.000. Em 2014, o Estado Islâmico deu início a um programa de decapitações e massacres de cristãos, anunciando que quem quer que se recusasse a converter ao islamismo seria «morto, crucificado, ou que lhes cortariam as mãos e os pés». Os cristãos foram expulsos da segunda maior cidade do Iraque, Mossul, onde residiram durante mais de 16 séculos.

No Sudão, cerca de 1,5 milhões de cristãos foram mortos pelas milícias árabes muçulmanas, Janjavid, desde 1984. No Paquistão, vivem num estado de terror. Em novembro de 2010, uma mulher cristã da província de Punjab, Asia Noreen Bibi, foi condenada à morte por enforcamento por ter violado a lei da blasfémia do Paquistão. A acusação foi levantada por um incidente no qual tinha bebido água juntamente com trabalhadores agrícolas muçulmanos. Estes tinham alegado que, sendo cristã, não era digna de tocar no recipiente de onde se bebia. Seguiu-se uma discussão. Os trabalhadores acusaram-na de blasfémia. Enquanto escrevo estas palavras, ela permanece encarcerada, em isolamento, aguardando pela decisão do recurso que lhe poderá salvar a vida.

Há um século, os cristãos representavam 20 por cento da população do Médio Oriente. Atualmente, o valor caiu para 4 por cento. O que está a acontecer é o equivalente religioso de uma limpeza étnica. É um dos crimes contra a humanidade dos nossos tempos.

Também os muçulmanos enfrentam a perseguição em Mianmar, no Sul da Tailândia, no Sri Lanka, na China e no Uzbequistão. Foram assassinados oito mil no massacre de Srebrenica em 1995 e muitos outros violados, torturados e deportados. No Camboja, nos anos 1970, cerca de meio milhão foram mortos pelos Khmer Vermelhos e foram destruídas 132 mesquitas.

Em Hebron, em 1994, um judeu religioso, Baruch Goldstein, um físico nascido nos Estados Unidos, abriu fogo sobre palestinos muçulmanos em oração no Túmulo de Abraão, matando 29 e ferindo mais 125. A 2 de julho de 2014, Mohammed Abu Khdeir, um palestino de 70 anos, foi raptado e cruelmente assassinado num ataque vingativo após a morte de três adolescentes israelitas. A 10 de fevereiro de 2015, três muçulmanos foram mortos em Chapel Hill, na Carolina do Norte, alegadamente, por um militante ateu.

Os muçulmanos representam a maioria das vítimas da violência islâmica. Um relatório da Global Terror Database, da Universidade do Maryland, calculou que, entre 2004 e 2013, cerca de metade dos ataques terroristas e 60 por cento das fatalidades ocorriam no Iraque, Afeganistão e Paquistão, todos eles tendo, na sua maioria, população muçulmana.<sup>5</sup> Um dos incidentes mais trágicos ocorreu em Peshawar, no Paquistão, onde, a 15 de dezembro de 2014, homens armados pertencentes aos talibãs invadiram uma escola gerida por militares e massacraram 141 pessoas, 132 das quais eram crianças. Muitos muçulmanos sentem-se profundamente ameaçados pelo que veem como hostilidade ocidental, quer seja na forma de baixas civis da guerra no Iraque, ataques aéreos no Paquistão ou retaliação israelita aos ataques com recurso a mísseis por parte do Hamas, ou como um antagonismo generalizado em países onde são uma minoria.

Entretanto, o antissemitismo regressou ao mundo com toda a força, quando ainda se encontram vivos sobreviventes do Holocausto. Em Estocolmo, a 27 de janeiro de 2000, no quinquagésimo quinto aniversário da libertação de Auschwitz, os líderes de todas as nações da Europa comprometeram-se a prosseguir com um programa contra o racismo e de educação relativamente ao Holocausto. Desde então, o antissemitismo aumentou em todos os países europeus. Com medo, os judeus estão a deixar a França, a Holanda, a Noruega, a Suécia, a Bélgica e a Hungria. Um inquérito realizado pela Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia, publicado em novembro de 2013, mostrava que um terço dos judeus europeus estava a considerar partir.

Em Copenhaga, a 14 de fevereiro de 2015, um segurança voluntário judeu foi morto no exterior de uma sinagoga. Em Paris, a 9 de janeiro de 2015, quatro judeus foram alvejados num supermercado *kosher*. Em maio de 2014, três pessoas foram mortas por um atirador no Museu Judaico de Bruxelas. Em Toulouse, em 2012, um professor judeu e três alunos foram assassinados. Nestes últimos três casos, os homicidas eram todos muçulmanos nascidos em França. No verão de 2014, uma sinagoga próxima da Bastilha, no centro

de Paris, foi cercada por uma grande multidão furiosa que entoava «Morte aos Judeus».

Que, uma vez mais, se ouçam cânticos de «Judeus para as Câmaras de Gás» nas ruas da Alemanha e que vários países sejam agora considerados pelos judeus como locais inseguros para se viver, é extraordinário, dadas as décadas de legislação contra o racismo, de defesa do diálogo interconfessional e de educação no Holocausto. Os judeus receiam que o «Nunca mais» se possa transformar em «Novamente».

Não são apenas os membros dos monoteísmos abraâmicos que se veem sob ameaça. Também se encontram nessa situação os budistas, hindus, siques, zoroastrianos e bahais. No Norte do Iraque, a antiga seita dos iazidis por pouco não conseguia escapar ao genocídio às mãos do Estado Islâmico. Para além de se contarem entre as vítimas, variadas fés não abraâmicas, especialmente os budistas e os hindus nacionalistas, têm estado entre os agressores. A liberdade religiosa, um direito consagrado no artigo 18.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, está atualmente sob ameaça em mais de um quarto das nações mundiais. Um relatório intitulado *Liberdade Religiosa no Mundo*,<sup>6</sup> relativo aos anos entre 2012 e 2014, refere que tem havido uma deterioração marcada em 55 dos 196 países do mundo, devido a regimes autoritários ou a grupos islâmicos. Estes são tempos profundamente conturbados.

\*

Hannah Arendt, ao escrever sobre o julgamento do criminoso de guerra nazi Adolf Eichmann, terá utilizado a expressão «a banalidade do mal», para sugerir, acertada ou erradamente, que muitos daqueles que implementaram a Solução Final, o extermínio planeado dos judeus europeus, eram burocratas sem rosto que implementavam as ordens do governo, mais por obediência do que por ódio. Não existe nada de banal no mal que consome atualmente grandes partes do mundo.

Muitos dos agressores, incluindo bombistas suicidas e jihadistas, vêm de lares europeus, tiveram formação universitária e, até à sua radicalização, eram vistos por amigos e vizinhos como pessoas amigáveis e simpáticas. Ao contrário dos nazis, que tinham um cuidado meticuloso em esconder os seus crimes do mundo, os terroristas atuais têm um cuidado semelhante em publicitá-los ao mundo por meio da apresentação de gravações e das últimas tecnologias das redes sociais. A sua falta de consciência ao

cometerem o que juristas e teólogos islâmicos proeminentes consideraram ser proibido, pecaminoso e contrário ao Alcorão é de cortar a respiração. Em Gwoza, na Nigéria, um dos sobreviventes de um massacre perpetrado pelo grupo islâmico Boko Haram descreveu a um repórter como os radicais matavam calmamente os seus conterrâneos muçulmanos um a um. «Disseram-nos que estavam a realizar o trabalho de Deus, embora todos os homens que mataram à minha frente fossem muçulmanos. Pareciam estar felizes.»<sup>7</sup>

Necessitamos de um termo para descrever este fenómeno mortífero que pode transformar pessoas não psicopatas em assassinos a sangue-frio de crianças de escola, trabalhadores humanitários, jornalistas e pessoas em oração. Trata-se, para lhe atribuir um nome, de um *mal altruísta*: um mal praticado no âmbito de uma causa sagrada, em nome de ideais elevados.

Não me refiro com isto ao tipo de comportamentos que suscitam debate: aborto, por exemplo, ou suicídio assistido. Nem me refiro a questões como a problemática altamente complexa de baixas civis em guerras assimétricas. Refiro-me ao mal do tipo que todos nós reconhecemos como tal. Matar os fracos, os inocentes, os muito jovens e os idosos é o mal. Assassinar indiscriminadamente através de ataques terroristas ou bombistas suicidas é o mal. Assassinar pessoas devido à sua religião ou raça ou nacionalidade é o mal. Foi por este motivo que, durante os Julgamentos de Nuremberga após a Segunda Guerra Mundial, nasceu o conceito de crime contra a humanidade, para atribuir uma força global ao princípio de que existem alguns atos tão hediondos que não podem ser defendidos com base em «Eu só estava a cumprir ordens.» Existem atos tão estranhos ao nosso conceito de humanidade que não podem ser justificados com base em serem os meios para um fim grandioso, nobre e sagrado.

Não existe nada de especificamente religioso sobre um mal altruísta. Algumas das grandes instâncias na história moderna — a Alemanha nazi, a Rússia estalinista, a China de Mao Zedong, o Camboja de Pol Pot — eram declaradamente seculares. Os seus homicídios em massa foram empreendidos para vingar erros do passado, corrigir supostas injustiças, repor a honra da nação ou instituir uma ordem social que traria igualdade e liberdade ao mundo. Apenas na ficção os grandes males são perpetrados por caricaturas de malevolência: Darth Vader, Lord Voldemort, Sauron ou o Joker. Na história real, os grandes males são cometidos por pessoas que procuram repor uma idade de ouro romantizada, dispostas a sacrificar as suas vidas e as vidas



de outros por uma causa que entendem como grandiosa e até sagrada. Em alguns casos, veem-se a si mesmos como estando a «realizar o trabalho de Deus». «Parecem estar felizes.»

É assim que os sonhos de utopia se transformam em pesadelos infernais.

\*

Muito se disse e se escreveu em anos recentes sobre a ligação entre religião e violência. Desses trabalhos emergiram três respostas. A primeira: a religião é a maior fonte de violência; logo, se procuramos um mundo mais pacífico, devemos abolir a religião. A segunda: a religião não é uma fonte de violência. As pessoas tornam-se violentas, como disse Hobbes, por medo, glória e a «perpétua e incansável sede de poder e mais poder que cessa apenas com a morte».<sup>8</sup> A religião nada tem que ver com isso. Pode ser utilizada por líderes manipuladores para motivar as pessoas, levando-as a travar guerras precisamente porque inspiram as pessoas a cometer atos heroicos de autossacrifício, mas a religião em si ensina-nos a amar e a perdoar, não a odiar e a combater. A terceira resposta é: a religião deles, sim; a nossa religião, não. Nós somos a favor da paz. Eles são a favor da guerra.

Nada disto é verdade. Quanto à primeira, Charles Phillips e Alan Axelrod pesquisaram 1800 conflitos na *Enciclopedia of Wars* e concluíram que menos de 10 por cento envolviam de todo a religião.<sup>9</sup> Um inquérito, «Deus e Guerra», encomendado pela BBC concluiu que a religião desempenhou o seu papel em 40 por cento dos conflitos, mas tratou-se, normalmente, de um papel menor.<sup>10</sup>

A segunda resposta é mal orientada. Quando grupos militares ou terroristas invocam guerras santas, definem a sua guerra enquanto confronto contra o Diabo, condenam os não-crentes à morte e cometem homicídio ao mesmo tempo que declaram «Deus é grande», negar que estejam a agir por motivos religiosos é absurdo. As religiões buscam a paz, mas nas suas próprias condições. Esta não é uma receita para a paz, mas sim para a guerra.

A terceira é um exemplo de preconceito no interior do grupo. Quase invariavelmente, as pessoas olham para o seu grupo como sendo superior aos outros. Henry Tajfel, um dos pioneiros da teoria da identidade social, mostrou o quão profundamente isto ocorre mesmo nos mais triviais agrupamentos. Numa experiência, dividiu pessoas em grupos tendo por base o mero lançamento da moeda ao ar; no entanto, ainda assim, os participantes classificaram os membros do seu grupo como sendo mais simpáticos do

que os dos outros, pese embora não se conhecessem uns aos outros antes e soubessem que tinham sido selecionados numa base estritamente aleatória. Os grupos, tal como os indivíduos, têm uma necessidade de autoestima e interpretam os factos de modo a confirmar o seu sentido de superioridade.<sup>11</sup> O judaísmo, o cristianismo e o islamismo definem-se a si mesmos enquanto religiões de paz, no entanto, todos deram origem à violência em determinada altura da sua história.

A minha preocupação neste livro é menos com a ligação genérica entre a religião e a violência do que com o desafio específico do extremismo religioso politizado no século XXI. A reemergência da religião enquanto força global apanhou o Ocidente desprotegido e impreparado porque se encontrava envolto numa narrativa que contava uma história bastante diferente.

Diz-se que 1989, ano da queda do Muro de Berlim e do fim da Guerra Fria, marcou o ato final de um drama prolongado no qual, primeiro, a religião e, depois, a ideologia política, morreram após um longo período nos cuidados intensivos. A era do verdadeiro crente, religioso ou secular, tinha chegado ao fim. O seu lugar era agora ocupado pela economia de mercado e o estado democrático liberal, no qual o indivíduo e o seu direito a viver como quisesse tinha prioridade sobre todos os credos e códigos. O hino do novo sistema era «Imagine», de John Lennon, com a sua visão de um mundo pós-ideológico, pós-religioso, com «Nothing to kill or die for» (Nada por que matar ou morrer).

Tratou-se do último capítulo de uma história que começara no século XVII, a última grande era de guerras religiosas. O Ocidente tinha sofrido um processo de secularização que se estendera por quatro séculos.

Primeiro, no século XVII, ocorreu a secularização do *conhecimento* sob a forma da ciência e da filosofia. Depois, no século XVIII ocorria a secularização do *poder* através das revoluções americana e francesa e da separação — radical em França, menos doutrinária nos Estados Unidos — entre a Igreja e o Estado. No século XIX ocorria a secularização da *cultura* à medida que galerias de arte e museus eram vistos como alternativas a igrejas enquanto lugares onde era possível contemplar o sublime. Por fim, nos anos 1960 ocorria a secularização da *moralidade*, através da adoção de um princípio inicialmente proposto por John Stuart Mill um século antes — a saber, que o único território em que alguém, incluindo o Estado, pode justificar a sua intervenção no comportamento realizado em privado é para impedir que seja

feito mal aos outros. Este foi o início do fim dos códigos de ética tradicionais e da sua substituição pela santidade desenfreada do individual, da autonomia, dos direitos e da escolha.

Por volta do final do século xx, a maioria dos secularistas tinha chegado à conclusão de que a religião, se não tinha sido refutada, tinha, no mínimo, sido reduzida à redundância. Já não necessitamos da Bíblia para explicar o universo. Em vez dela, temos a ciência. Não necessitamos de um ritual sagrado para controlar o destino da humanidade. No seu lugar, temos a tecnologia. Quando estamos doentes, não necessitamos da oração. Temos médicos, medicamentos e cirurgias. Se estivermos deprimidos existe uma alternativa ao consolo religioso: medicamentos antidepressivos. Quando nos sentimos consumidos pela culpa, podemos escolher a psicoterapia em vez do confessor. Para aqueles que procuram a transcendência, existem concertos de *rock* e jogos desportivos. Quanto à mortalidade humana, o melhor a fazer, como as colunas de conselhos nos dizem, é não pensar nela com demasiada frequência. As pessoas podem não ter a certeza em relação à existência de Deus, mas têm uma certeza razoável de que, se não o incomodarmos, ele não nos incomodará a nós.

Aquilo de que os secularistas se esqueceram é que o *Homo sapiens* é um animal que procura significado. Se há uma coisa que as grandes instituições do mundo moderno não fazem é atribuir significado. A ciência diz-nos como, mas não porquê. A tecnologia dá-nos o poder, mas não nos orienta na utilização desse poder. O mercado oferece-nos escolhas, mas não nos orienta sobre como fazer essas escolhas. O Estado democrático liberal dá-nos liberdade para vivermos como quisermos, mas, por princípio, recusa-se a guiar-nos nas nossas escolhas.

Ciência, tecnologia, mercado livre e Estado democrático liberal permitiram-nos alcançar feitos sem precedentes no que diz respeito ao conhecimento, à liberdade, à esperança média de vida e à abundância. Estes estão entre os maiores feitos da civilização humana e têm de ser defendidos e estimados. Mas não respondem nem podem responder às três questões que todo o indivíduo reflexivo irá colocar em determinada altura da sua vida: Quem sou eu? Porque estou aqui? Como deverei, então, viver? Estas são perguntas para as quais a resposta é prescritiva, não descritiva; substantiva, não procedimental. O resultado é que o século xx nos deixou com um máximo de escolha e um mínimo de significado.

A religião agora ressurgiu porque é difícil viver sem significado. Foi por esse motivo que nenhuma sociedade sobreviveu durante muito tempo sem

religião ou sem um substituto para a religião. O século xx mostrou, de forma brutal e definitiva, que os grandes substitutos modernos para a religião — a nação, a raça e a ideologia política — não têm menores probabilidades de oferecer sacrifícios humanos às suas divindades substitutas.

A religião que regressou não tem a forma doce, quietista, irénica e ecuménica que, no Ocidente, tínhamos esperado cada vez mais. Em vez disso, é a religião no seu expoente mais adverso e agressivo, preparada para combater os inimigos do Senhor, trazer o apocalipse, pôr um fim ao reino de decadência e alcançar a derradeira vitória por Deus, pela verdade e pela submissão a uma vontade divina.

Nem todas as religiões antimodernas são violentas. Pelo contrário, os judeus altamente religiosos (Haredim) são, normalmente, quietistas, tal como os grupos cristãos como os menonistas e os Amish e grupos muçulmanos como os sufistas. O que eles procuram é tão-só a oportunidade de viverem afastados do mundo, construir comunidades à luz dos seus valores e aproximar-se de Deus em mente e alma. Cada um à sua maneira, são testemunhos à graça divina.

Inegavelmente, a maior ameaça à liberdade no mundo pós-moderno é a religião radical e politizada. Esse é o rosto do mal altruísta da nossa era.

\*

Exige uma resposta, mas de quem? Os intelectuais têm enfrentado reações extraordinariamente violentas ao seu trabalho. A controvérsia em relação a *Os Versículos Satânicos* (1989) levou ao assassinato do seu tradutor japonês, ao esfaqueamento do seu tradutor italiano, ao atentado contra o seu editor norueguês e à morte pelo fogo de 35 convidados na sessão de lançamento do livro na Turquia.

Em 2004, na Holanda, Theo van Gogh, que realizou o filme *Submission*, foi assassinado em plena luz do dia no centro de Amesterdão, alvejado várias vezes à queima-roupa, e em seguida esfaqueado numa tentativa de decapitação. Os *cartoons* dinamarqueses de 2005 levaram a manifestações violentas por todo o continente africano e no Médio Oriente, nas quais, pelo menos, 200 pessoas morreram.

Depois de uma leitura em 2006 na Universidade de Regensburg, pelo papa Bento XVI, foram atacadas cinco igrejas na margem ocidental de Gaza, uma freira com 65 anos foi assassinada em Mogadíscio e um padre cristão foi raptado e decapitado em Mossul. Em Paris, a sede de *Charlie Hebdo*, a

revista satírica francesa, foi alvo de uma bomba incendiária em 2011 e atacada por terroristas em 2015 e o editor, cartoonistas e outros membros da equipa foram mortos. Numa era global, a expressão já não é livre.

A resposta mais ruidosa foi a dos «novos ateus», um grupo que surgiu após os ataques do 11 de Setembro. Infelizmente, destruíram toda a sua argumentação através da caricatura, fazendo as afirmações, claramente falsas, de que todas as religiões conduzem à violência e de que a maior parte da violência pode ser relacionada com a religião. É como pegar num martelo elétrico para realizar uma microcirurgia. Todas as religiões têm os seus momentos violentos, como acontece com todos os substitutos das religiões e também todas atingiram períodos de tolerância, espírito de generosidade e paz.

O Ocidente tem, em geral, padecido da tendência para travar a última batalha, não a seguinte. A Guerra Fria produziu, em figuras como Friedrich Hayek, Karl Popper e Isaiah Berlin, grandes defensores da liberdade. A sua preocupação era o regime totalitário da Rússia estalinista. Mostraram, com sucesso, que uma utopia marxista é, em princípio, impossível, uma vez que os grandes ideais, como liberdade e igualdade, entram de tal modo em conflito que, quanto mais se tem de um, menos se tem do outro.

O problema é que também afirmaram que a pior coisa que se pode ter é a certeza. A convicção, dizem, conduz à tirania. Nisto, estavam errados, de facto, até se contradiziam. Hayek tinha a certeza de que a liberdade era preferível à escravatura, Popper que as sociedades abertas eram melhores do que as sociedades fechadas e Berlin que a liberdade negativa era melhor do que o seu equivalente positivo. Mas insistiam de tal modo que nenhuma verdade é final, que o efeito do seu trabalho, ainda que não intencionalmente, foi dar força ao princípio do relativismo moral.

O relativismo moral não é, de todo, uma defesa contra aqueles que atualmente se encontram em guerra com o Ocidente e as suas liberdades. Se o relativismo for verdadeiro, então não se pode dizer que nada é verdade nem que nada está absolutamente errado. Enquanto crença subjetiva, poderia considerar a morte de civis, a utilização de crianças como escudos humanos e a escravatura de jovens raparigas como algo mau. No entanto, terei depois de admitir que o leitor poderá ver as coisas de modo diferente. O leitor acredita que se trata de um imperativo sagrado empreendido para a suprema glória de Deus. Os nossos valores são diferentes, porque as nossas visões do mundo são, para utilizar a palavra de Isaiah Berlin, incomensuráveis. Um tal discurso pode ter feito todo o sentido nas imediações serenas de Oxford

durante a longa paz que se estendeu por meio século depois da Segunda Guerra Mundial. Mas é absolutamente desadequado ao desafio atual.

Qual será, então, a alternativa? Para isso, teremos de viajar até às guerras religiosas dos séculos XVI e XVII, que se seguiram à Reforma. Houve guerra em França entre católicos e huguenotes, entre 1562 e 1598, seguida pela Guerra dos Trinta Anos, entre 1618 e 1648. Existem paralelos marcantes entre essa época e a atual.

\*

Tal como agora, a agitação começou com uma revolução na tecnologia de informação. A tecnologia foi a imprensa, desenvolvida por Gutenberg em meados do século XV. Muitas invenções mudaram o mundo, mas quando ocorre uma mudança no modo como registamos e transmitimos informação, as repercussões são mais sistemáticas, transformando instituições, culturas e até o modo como as pessoas pensam.

A nova tecnologia tornou mais fácil e mais barata a ligação com populações cada vez maiores. O resultado foi uma difusão da literacia, uma democratização do acesso ao conhecimento e um subsequente desafio para todas as hierarquias de poder. Na altura como agora, a principal expressão da mudança foi religiosa: a Reforma de Lutero começou quando ele pregou as suas 95 teses na porta da igreja de Todos os Santos em Wittenberg, a 31 de outubro de 1517.

A maioria das doutrinas básicas estabelecidas por Lutero no início do século XVI já tinha sido formulada dois séculos antes por John Wycliffe, em Oxford. A razão pela qual não se disseminaram nessa altura como viriam a fazer mais tarde foi o impacto da impressão. O primeiro livro a ser amplamente impresso foi a Bíblia. Só em Inglaterra, estima-se que, entre 1517 e 1640, tenha sido publicado mais de um milhão de Bíblias e de Novos Testamentos. A própria declaração de Lutero foi transmitida pela prensa. No espaço de 15 dias tinha surgido por toda a Alemanha e, no espaço de três semanas, as prensas de três cidades diferentes estavam a fazer cópias. Por volta de 1546, um total de 430 edições distintas das suas traduções bíblicas tinham sido impressas.

O resultado foi um século de guerras religiosas, a transformação do mapa da Europa, o início do fim do Sacro Império Romano-Germânico e o nascimento de uma nova ordem política, introduzida pelo Tratado de Vestefália em 1648, alicerçada em Estados-nação soberanos e no equilíbrio

de poder. Segundo o livro *A Ordem Mundial*, de Henry Kissinger, é todo este sistema que está agora em risco.

O que a impressão foi para a Reforma, a Internet é para o islamismo político radical, transformando-o numa força global capaz de incitar o terror e adquirir recrutas por todo o mundo. Os extremistas compreenderam que, em muitos aspetos, a religião foi feita para o século XXI. Trata-se de uma força mais global do que os Estados-nação. Os radicais religiosos usam os novos meios de comunicação social eletrónica com maior sofisticação do que os seus homólogos seculares. E desenvolveram estruturas organizacionais para se adequarem à nossa era.

Ori Brafman e Rod Beckstrom defendem, em *A Estrela-do-Mar e a Aranha*, que as organizações sem líder dominarão o futuro. A estrela-do-mar e a aranha têm formas semelhantes, mas estruturas internas diferentes. Uma aranha decapitada morre, mas uma estrela-do-mar consegue regenerar-se a partir de uma perna amputada. Foi o que aconteceu a muitos dos movimentos sucessores da al-Qaeda.

Como tal, vale a pena regressar ao século XVII para ver o que, nessa altura, pôs fim às guerras religiosas, dando origem ao mundo moderno e à transformação do Ocidente na vanguarda da civilização, superando a China por um lado e o Império Otomano por outro.

*As armas vencem guerras, mas são necessárias ideias para conquistar a paz.* No caso do século XVII, as ideias transformadoras emergiram de uma série de pensadores notáveis, entre eles John Milton, Thomas Hobbes, Bento Espinosa e John Locke. Os seus princípios-chave eram o contrato social, os limites dos poderes do Estado, a doutrina da tolerância, a liberdade de consciência e o conceito de direitos humanos.

Nem todos estes pensadores eram religiosos. Hobbes e Espinosa eram ambos considerados ateus na sua época. Milton era um dos grandes poetas religiosos e Locke era um cristão sociniano. Ainda assim, os quatro foram beber as suas ideias políticas sobretudo à Bíblia Hebraica. Um dos seus princípios mais importantes, que também surge no Alcorão (*al-Baquara* 256), é que não deve haver compulsão na religião.

Estes princípios continuam a ser válidos atualmente, mas existe uma grande diferença entre a atualidade e aquela época. No século XVII, o principal movimento era contra o poder religioso da Igreja Católica, a favor da secularização dos vários domínios sociais. Atualmente, a revolução, pelo menos no Médio Oriente, é contra um secularismo de dois tipos diferentes. O primeiro é o nacionalismo secular de Nasser, Sadat e Mubarak no

Egito, Assad na Síria e Saddam Hussein no Iraque, regimes amplamente vistos como sendo corruptos e opressivos. O segundo é a cultura secular do Ocidente, julgada por aqueles que se identificam com a tradição como sendo decadente, materialista e destruidora. Para simplificar: *O século xvii foi o nascer de uma era de secularização. O século xxi será o início de uma era de dessecularização.*

O século xxi será mais religioso do que o século xx por várias razões. Uma, como vimos acima, é que, em muitos aspetos, a religião se adapta melhor a um mundo de comunicação global instantânea do que os Estados-nação e as instituições políticas existentes.

Em segundo lugar, como veremos no próximo capítulo, está o fracasso das sociedades ocidentais, depois da Segunda Guerra Mundial, em abordar a mais fundamental das necessidades humanas: a procura de identidade. Os maiores credos do mundo fornecem identidade. Oferecem sentido, orientação, um código de conduta e um conjunto de regras para a vida moral e espiritual em moldes que o Ocidente democrático liberal, com o seu mercado livre, não oferece.

Os monoteísmos abraâmicos, em particular, oferecem aos indivíduos comuns — e somos, maioritariamente, indivíduos comuns — uma sensação de orgulho e de consequência. Um credo que nos diz que não somos mais do que genes egoístas, sem nada, em princípio, que nos separe dos animais, numa sociedade cujos motivadores mais fortes são o dinheiro e o sucesso, num universo que surgiu sem nenhuma razão aparente e que, sem nenhuma razão, um dia, deixará de existir, nunca falará tão fortemente à mente humana como um que nos diga que somos feitos à imagem de Deus num universo que Ele criou por amor.

A terceira razão tem que ver com a demografia. Nem um único Estado-membro da Europa tem uma taxa de natalidade de substituição (2,1 crianças por mulher). Tendo caído um ponto para 1,47, a média europeia é, atualmente, 1,6 (o aumento deve-se, em grande medida, às populações imigrantes), mas isto significa que as populações nativas da Europa se encontram todas num longo e lento declínio. O fosso será preenchido pela imigração e as taxas de natalidade elevadas das populações de minorias étnicas.

Por todo o mundo, os grupos mais religiosos têm as mais elevadas taxas de natalidade. Ao longo do próximo meio século, como Eric Kaufmann documentou em *Shall the Religious Inherit the Earth?*, haverá uma enorme transformação na composição religiosa de grande parte do mundo, com a Europa a liderar. Com a exceção dos Estados Unidos, o Ocidente não está



a prestar atenção ao imperativo darwiniano de transmitir os seus genes à geração seguinte.

Tudo isto significa que já não podemos adiar a tarefa que foi basicamente evitada no século XVII. O que, na altura, impediu que os católicos e os protestantes se assassinassem uns aos outros foi *privar a religião de poder*. A teologia que conduziu ao conflito em primeiro lugar foi, em grande medida, deixada intacta. Permanece latente como ADN congelado. Durante quatro séculos, as pessoas souberam que as doutrinas religiosas poderiam ser nocivas em muitos aspetos, mas, uma vez retirado o poder de mãos religiosas, havia pouco dano que pudessem fazer.

Já não é esse o caso. Num mundo de superpotências em declínio, instituições internacionais esclerosadas, um rasto de Estados falhados ou a falhar e um caos hobbesiano de guerras civis e tribais, os extremistas religiosos estão a ficar com o poder. Isso significa que não temos grande escolha senão reexaminar a teologia que conduz a conflitos violentos. *Se não realizarmos o trabalho teológico, enfrentaremos uma continuação do terror que tem marcado o nosso século até aqui, pois não terá outro fim natural.*

Isso não pode ser travado apenas através de meios militares. Moisés Naím, no seu influente trabalho *O Fim do Poder*, deixa isto absolutamente claro. As guerras, diz, estão a tornar-se cada vez mais assimétricas, grandes exércitos contra exércitos mais pequenos e não-tradicionais. Também estão, *cada vez mais, a ser ganhas pelo lado militar mais fraco*. Um estudo de Harvard mostrou que, em conflitos assimétricos entre 1800 e 1849, o lado mais fraco em termos de soldados e de armas atingiu o seu objetivo em 12 por cento dos casos. Nas guerras entre 1950 e 1998, o lado mais fraco venceu em 55 por cento dos casos. Daí a conclusão de Naím de que, «quando os Estados-nação entram em guerra nos dias de hoje, o grande poder militar cumpre menos os seus objetivos do que outrora».<sup>12</sup>

O trabalho a realizar agora é teológico. A questão foi levantada num discurso histórico na universidade de al-Azhar, no início de 2015, pelo presidente do Egito, Abdel Fattah El-Sisi. Pedindo uma «revolução religiosa», disse: «O mundo islâmico está a ser devastado, está a ser destruído, está a perder-se. E está a perder-se pelas nossas próprias mãos.»

O desafio não é apenas para o islamismo, mas também para o judaísmo e para o cristianismo. Em novembro de 1995, um jovem estudante judeu, Yigal Amir, assassinou o primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, por entender que este último estava a pôr em risco o futuro do Estado através do processo de paz em que se encontrava empenhado. Tal como Barukh

Goldstein, que matou 29 muçulmanos durante a oração, Amir tinha formação universitária, religiosa e agia sob um princípio religioso. Goldstein, tanto quanto se sabe, acreditava que estava a cumprir a ordem para «apagar a memória» de Amalek, o símbolo bíblico do mal (Dt 25, 19). Amir considerava Rabin como um *rodef*, ou seja, uma ameaça para o bem-estar dos outros, ou um *moser*, um traidor do seu povo. Eu acredito plenamente que o judaísmo é uma religião de paz. Mas nem todas as pessoas interpretam uma religião do mesmo modo. Nenhuma das grandes religiões pode dizer, com um autoconhecimento inabalável: «As nossas mãos nunca derramaram sangue inocente.»

Enquanto judeus, cristãos e muçulmanos, temos de estar preparados para fazer as perguntas mais incómodas. Será que o Deus de Abraão quer que os seus discípulos matem em seu nome? Será que exige sacrifício humano? Regozija-se com a guerra santa? Quererá que odiemos os nossos inimigos e aterrorizemos os descrentes? Será que lemos as nossas escrituras sagradas corretamente? O que nos diz Deus aqui e agora? Não somos profetas, mas somos os seus herdeiros e não estamos desprovidos de orientação nestas questões fatídicas.

\*